Ano V — Lisboa, Agosto de 1949 — N.º 52

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA—LISBOA

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

A HARMONIA NA EDUCAÇÃO

A Harmonia é sopro divino que paira sobre o Universo operando o milagre extraordinário do equilíbrio na Natureza. Se a Harmonia faltasse um só instante, os astros se precipitariam no caos, a vida cessaria à face da Terra.

Que é a Harmonia? É Lei maravilhosa que sustém os mundos nas suas órbitas, agrega as moléculas, regula o funcionamento dos vários órgãos do corpo vegetal e animal, encontra o ponto de concordância entre homens de capacidade e temperamentos diferentes, permitindo-lhes viver em sociedade.

A Harmonia é acordo nos sons, relação nas cores, proporção nas formas, sentido nas expressões.

A Harmonia gera da profusão o Belo, estabelece unidade na diversidade. Verdadeiramente a Harmonia provém de Deus, só Ele a realiza em absoluto. Por isso, quando o Homem se aproxima do seu Criador, obtém inspiração para produzir Beleza, realizar Arte, efectuar Paz.

A Harmonia situa-se nas alturas inacessíveis da Perfeição e o Homem nunca a possuirá completa, embora seja indispensável a toda a actividade. A obra humana, quanto mais dela carecer, mais imperfeita será.

A Educação não pode, também, afastar-se desta lei inexorável. Terá de se orientar pelo equilíbrio das capacidades, pela relação dos sentidos, pelo acordo nas matérias. Numa palavra: terá de se buscar a Harmonia entre o Espírito e o Corpo.

Os antigos encontravam a satisfação desta necessidade na máxima de Juvenal: *Mens sana in corpore sano.* Hoje ainda este princípio é fundamental, mas as exigências da vida moderna levam o homem a encarecer o valor do intelecto em prejuízo das restantes faculdades. Provocado o desiquilíbrio, a Harmonia é prejudicada, nasce o defeito, falha a Educação.

* * *

A luta pela vida é cada vez mais dura. O homem sente, mais do que nunca, necessidade de apelar para todas as suas energias para sobreviver, e reconhece o valor de uma preparação intensiva que prepare o jovem para poder arcar com as graves responsabilidades da família, da profissão, da sociedade.

As dificuldades são grandes e só as consegue vencer quem possuir excepcionais aptidões e qualidades de trabalho.

Este facto constitui preocupação—verdadeiro pesadelo—para todos os pais que se preocupam com o futuro dos filhos. Daí a concorrência de alunos às escolas secundárias e superiores. Todos procuram habilitar os filhos com a maior bagagem intelectual, ainda que para isso seja necessário fazer os maiores sacrifícios.

Tal esforço é legítimo e constitui uma ilustração bem frisante do amor dos pais pelos filhos. Pena é que o resultado de tais esforços não corresponda muitas vezes, bastantes vezes mesmo, à natureza dos sacrifícios feitos. Todos podemos apontar a dedo repetidos casos de jovens lançados na sociedade com diplomas de médicos, de advogados e de engenheiros, etc., que não alcançam oportunidade de aplicar os conhecimentos porque, na árdua concorrência da vida, são preteridos por outros que não possuindo, talvez, maior cultura, têm, no entanto, um maior espírito de iniciativa, uma maior capacidade de adaptação a cada circunstância, um poder de raciocínio mais rápido, um melhor espírito de observação, sentidos mais apurados e, até mesmo, um maior poder físico.

(Conclui na 2.ª página)

Intercâmbio Epistolar

Continuamos a receder pedidos de correspondência de escoteiros de vários países que desejam entrar em relações por correspondência com escoteiros de Portugal. Para estes pedidos chamamos a atenção dos nossos irmãos-escoteiros do nosso país.

RAIMUNDO SAGUÉ (sénior de 20 anos)
FRANCISCO SAGUÉ (júnior de 17 anos)
c/ Santaló 27 Ático
BARCELONA (Espanha)

Desejam corresponder-se com escoteiros portugueses ou do estrangeiro, em espanhol, português, catalão ou francês.

HOPMAN KUIPER (antigo chefe-escoteiro) e sua esposa ALBÉ KUIPER (antiga guia de lobitos)
Brederodestraat 116 I
AMSTERDAM W (Holanda)

Desejam corresponder-se com senhora ou cavalheiro portugueses, escoteiros ou não escoteiros, sobre pintura, arquitectura, cerâmica, literatura, tanto antigas como modernas, e arte popular, (folclore, etc.) e, em geral, toda a cultura do nosso país, falando eles sobre cultura holandesa.

LUCIEN RABAUD
6, Rue Fellonneau
NANTES (L.-I.)—(França)

Deseja corresponder-se com escoteiros portugueses. Correspondência em francês ou espanhol.

O "SEMPRE PRONTO„ EM ESPANHA

No dia 28 de Julho partiram para Espanha os Srs. Eduardo e Joel Ribeiro, Director e Redactor Principal do nosso jornal, onde visitarão os núcleos dos antigos «exploradores» de Madrid, Valência e Barcelona.

Esta viagem, embora de natureza particular e paga, portanto, do seu bolso pessoal, reveste-se de interesse para o «*Sempre Pronto*», que conta muitos bons amigos e colaboradores mesmo, naquelas cidades.

Todos os que trabalham neste jornal lhes desejam uma feliz viagem.

FILATELIA

A Administração dos Correios da Suécia emitiu dois selos comemorativos da II Linguíada, que foi inaugurada no dia 27 de Julho. Os selos são de 1 *öre*, de azul, e de 15 *öre*, de castanho, com a dimensão de 27,25×20,5 mm.

Os selos representam um ginasta e uma ginasta a executar os movimentos característicos da ginástica sueca.

PALESTRAS COM UM GUIA

PREVISÃO

Sim, amigo Guia; o verão, com os seus cálidos dias, vai-se depressa, muito mais depressa do que os Castores queriam, cujos assuntos financeiros não acabam de solucionar-se suficientemente bem, para que a Patrulha possa pôr em prática o seu projecto de realizar um belo acampamento de vários dias na serra.

No papel, tudo estava previsto: itinerário, datas, local, programas, divisão do trabalho, relação do material e de víveres... tudo. Tudo, menos um pequeno pormenor: como obter o dinheiro necessário para realizar o vosso sonho.

Naturalmente chegou o momento de enfrentar a realidade, e, então, verificou-se que apenas três membros da Patrulha tinham o dinheiro necessário para custear a sua parte. Lançada a voz de alarme, o pai de Jorge ofereceu-se para custear as despesas de dois membros mais, faltava pois o necessário para outros três. Um recurso heróico — a caixa da Patrulha — não resolvia a situação, já que os fundos não atingiam a soma de 12$00.

Que fazer? Discutiram-se um montão de projectos na reunião de patrulha. Fantásticos uns, sensatos outros, porém, na realidade, nenhum susceptível de dar resultados práticos, por falta material de tempo de os pôr em acção. Até de brincadeira o Pedro propôs assaltar-se um Banco. O certo é que só foi possível chegar a acordo em que, se não se obtivesse o dinheiro necessário para toda a Patrulha, o acampamento não se levaria a efeito. Quer dizer, o lema «um por todos, todos por um», é uma verdade na Patrulha do Castor.

Permita-me que te diga que o que vos sucede é culpa da Patrulha, e particularmente tua, amigo Guia. Recordas-te que um dia, lá para os começos do ano, falei-te da conveniência de traçares um programa de acção para todo o ano escotista? Não duvido de que tenhas seguido o meu conselho, porém não basta que o programa diga: «*realizar um acampamento de verão*», antes é necessário, com tempo suficiente, tomar as medidas precisas para poder levar a efeito o projecto.

Indubitàvelmente, a questão económica devia ser estudada a fundo e com antecipação, sobretudo, tendo em conta que, de toda a Patrulha, só Jorge pertence a uma família rica.

Porém, não é hora de lamentações — um escoteiro não se lamenta nunca — mas hora de obter experiência do sucedido para que não se repita. É preciso que durante o novo curso, a Patrulha ganhe o dinheiro necessário para realizar todos os seus planos. Fixa bem o que te digo: *ganhar*; não *pedir*.

Como ganhar dinheiro? Isso é muito fácil para oito escoteiros que constituem juntos uma autêntica Patrulha. Independente da iniciativa individual, que não deve descurar-se, existem mil maneiras que deixo à vossa fecunda iniciativa.

Como sugestão, contar-te-ei que, recentemente, uma Patrulha francesa realizou uma excursão à Suíça e Itália com dinheiro ganho na venda de papéis e garrafas usadas. Que outra, também francesa, obteve os fundos necessários para visitar Inglaterra, dando umas representações de arte dramática durante o inverno. E, por fim, uma terceira Patrulha de nacionalidade sueca, fabricando pequenos brinquenos de madeira, que vendia nas lojas da cidade, reuniu o preciso para comprar o seu material de campo e realizar com ele um acampamento de quinze dias na montanha.

Sabes tu que os Escoteiros suíços custeiam as despesas de uma cama num sanatório, com o dinheiro obtido na venda de selos de correio usados? Um inteligente serviço de trocas com escoteiros de outros países, permite-lhes dispor de quantidades importantes de selos estrangeiros que têm boa cotação na Suíça.

Como verificas pelo dito, é tudo questão de aguçar um pouco o engenho. Falei-te de quatro maneiras de ganhar o dinheiro para a Patrulha. Porém há muitas mais, e eu sei que os Castores cumprem muito bem esse undécimo artigo da Lei do Escoteiro, que não está escrito, porém B. P. citava frequentemente e que diz: «Um escoteiro não é um tonto».

ENRIQUE GENOVÉS
OJO DE LINCE

Partida para França dos Campistas Portugueses

No passado dia 2 de Julho partiu para Paris a fim de tomar parte no X «Rallye» Internacional de Clubes de Campismo, a representação campista portuguesa, constituída por 120 praticantes desta modalidade.

Esta importante embaixada desportiva — das maiores, senão a maior, que saíram do País — vai presidida pelo nosso camarada escoteiro do Grupo n.º 13, Sr. Augusto Coutinho e esteve no Parque de Fontainebleau a a 60 quil. de Paris, de 8 a 18 de Julho, ocasião em que também reuniu o Congresso Mundial Campista.

A caravana, de que faz parte o nosso amigo e assinante Sr. Ferrer Segismundo Monteiro, aproveita a ocasião para visitar e acampar em Pays Basque e Beloise, tomando parte em várias excursões compreendidas no programa do acampamento.

Na partida encontravam-se algumas centenas de pessoas, entre famílias, amigos e admiradores do campismo. Vimos nessa ocasião destacados elementos dirigentes que, com os Srs. Dr. Ayala Boto, da Direcção Geral dos Desportos; Casimiro Ribeiro, presidente da Direcção da F. P. C.; e Avelar Machado, presidente do Ateneu Comercial de Lisboa, dispensaram aos desportistas calorosa despedida.

Foi uma apoteose interessantíssima, a que não faltaram as canções, aceno de bandeiras e galhardetes e alegria a rodos, caracterizando a boa disposição dos amantes do Desporto do Ar Livre.

O «*Sempre Pronto*», que também esteve na Estação do Rossio, representado pelos redactores Ernesto Nascimento e o signatário da presente, a desejar boa viagem e felicidades aos que partiam, volta a augurar-lhes uma viagem cheia de alegria e à Federação Campista pleno êxito nos seus propósitos e parabéns por tão expressiva prova de vitalidade.

O Chefe da Delegação, Sr. Augusto Coutinho, relatará aos leitores do «*Sempre Pronto*» os diversos pormenores do «Rallye» e do Congresso.

CARLOS FERNANDO GARCIA

A HARMONIA NA EDUCAÇÃO

(*Conclusão da 1.ª página*)

É que os pais, na preocupação de enriquecerem a bagagem intelectual dos filhos, olvidaram que a educação tem de ser completa, faltaram à Harmonia, esquecendo-se de que, onde esta falta, se revelam sempre deficiências.

No dia em que todos compreenderem esta grande verdade, o Escotismo terá feito a sua hora de êxito em Portugal. Porque o Movimento Escotista procura exactamente desenvolver estas aptidões do rapaz, como necessário e imprescindível prolongamento da actividade escolar e ideal complemento da educação em família. O Escotismo não tem por finalidade substituir a família na tarefa de educar, mas oferecer à própria família um ambiente propício ao desenvolvimento da educação. O Escotismo não visa a formação de atletas, mas de homens fortes e sãos, de personalidade vigorosa, de carácter íntegro, de elevado poder cívico, desejosos de bem servir, habilitados a resolver dificuldades, capazes de se bastarem a si próprios.

Que maiores objectivos pode ter um pai para a educação de seu filho? E não há a menor dúvida que o Escotismo atinge estas finalidades. A testemunhá-lo estão todos aqueles que nas suas fileiras encontraram o equilíbrio na Educação, a Harmonia no seu desenvolvimento, nas suas capacidades, e, como consequência, o sucesso nas suas carreiras.

Se a Educação é o meio de que nos servimos para preparar a criança e o jovem para a vida, a Harmonia — que é base de toda essa mesma vida — terá de estar sempre presente na tarefa de educar.

A FRATERNAL DOS ANTIGOS ESCOTEIROS

UMA IDEIA? NÃO, UM FACTO!...

O êxito, o entusiasmo, o grande número de adesões à iniciativa de organizar a Fraternal dos Antigos Escoteiros, colocam o assunto fora do campo das ideias, para o tornarem num facto, numa realidade! A Fraternal é hoje um movimento em marcha. Fala-se no assunto, é conversa animada de muitos antigos escoteiros, trocam-se cartas, sugestões e até se fazem projectos.

O «*Sempre Pronto*» não se pode furtar a um agradecimento afectuoso a todos aqueles que têm secundado a ideia e toma o compromisso de não abandonar o Movimento até que esteja definitivamente organizado.

O período de férias em que vamos entrar, longe de prejudicar esta organização, facilita-a. Estes dois meses permitem um trabalho de formação, recenseamento, lançamento de bases e, no princípio de Outubro, esperamos colocar nas mãos dos antigos escoteiros este movimento de camaradagem e fraternidade que pode e deve ser um cadinho de *boa vontade* na sociedade portuguesa.

* * *

Gostaríamos de transcrever aqui a correspondência recebida de tantos amigos, mas a exiguidade do espaço não permite mais do que uma referência a algumas das muitas cartas recebidas. Que os nossos camaradas antigos escoteiros nos desculpem.

Os Antigos Escoteiros do Algarve apresentam-se

De Olhão, onde existe o 1.º Núcleo da Fraternal dos Antigos Escoteiros, o seu Presidente, o E. C. João Lobo de Miranda Trigueiros, manda-nos a seguinte mensagem:

Olhão, 15 de Junho de 1949

Redacção do jornal «Sempre Pronto»

Prezados camaradas,

Estamos seguindo, com grande interesse, o movimento construtivo empreendido pelo vosso jornal a favor da fundação da Sede da Fraternal dos Antigos Escoteiros.

Dizemos:—fundação da SEDE (da Matriz) porque... FILHOS, já existem, há anos no Algarve.

O caso faz-nos lembrar o problema jocoso do ovo e da galinha. Qual nasceu primeiro?!

Aqui, deu-se o fenómeno bizarro de terem nascidos os FILHOS, antes da MÃEZINHA!

E os FILHOS são, hoje, bastante crescidinhos...

No Algarve, temos dois Núcleos da Fraternal...

O primeiro, anexo ao Grupo n.º 6, de Olhão, NASCEU de geração expontânea, *em 18 de Janeiro de 1935.*

Foi reconhecido pelos Serviços Centrais. A publicação fez-se no no Boletim Oficial n.º 6, de 30 de Junho desse ano.

Temos, no arquivo... histórico, vária documentação, actas, etc.

O segundo núcleo algarvio, anexo ao n.º 77, de Faro, NASCEU de uma costela *do primeiro. Pegou de estaca e sem rega, aí por alturas de 1947. Foi mais tarde reconhecido pelos Serviços Centrais, como se verifica na Ordem de Serviço Nacional n.º 1, de 29 de Maio de 1948.*

Os Núcleos algarvios vivem. Não com aquela actividade que seria para desejar, mas servem como organismos de ligação entre os «mais antigos», entre si e em relação aos Grupos, a que estão anexos.

Os respectivos regulamentos induzem os filiados a protegerem, moral e materialmente, os seus velhos Grupos.

A Fraternal (algarvia) tem dado elementos para júris de concursos e dirigentes de Grupos.

São «antigos» os chefes dos Grupos 6, 59 60, e 77 e os ajudantes dos 60 e 77.

Convencidos estamos que os filiados nos Núcleos algarvios estarão PRONTOS a acorrer à chamada, quando o apito do chefe «Arenque Seco» lhes ferir os tímpanos, despertando-lhes recordações dos tempos da infância e da juventude; da passada VIDA escotista que por vezes, tem sido lembrada, em conjunto, com funda saudade.

Quando o «Sempre Pronto» *concluir a tarefa da organização da Sede da Fraternal, soará, nestas* longínquas *paragens, o apito do velho «Arenque», tocando a reunir.*

Então, a nossa «rapaziada» não deixará de dar seguro e vigoroso apoio à Sede da Fraternal dos Antigos Escoteiros.

Saudações cordiais e votos de

«Boa Caça»
Amigo e «Sempre Pronto»

a) JOÃO LOBO DE MIRANDA TRIGUEIROS

Camaradas do Algarve! Confiamos na vossa colaboração. Ela será precisa para ajudar a erguer esta obra desejada e acarinhada por tantos irmãos-escoteiros. Sim contamos convosco!

Conseguir-se que os antigos escoteiros possam reviver as boas lições recebidas... parece-me que, para além do significado, tem muito de útil, — diz-nos o Eng.º Manuel Peixoto.

Com a data de 5 de Julho, o Sr. Eng.º Manuel Lopes Peixoto, que foi membro do Grupo 1, endereça-nos uma simpática carta da qual recortamos:

Por índole ou felicidade de educação sinto-me «Sempre Pronto» para tudo que tenha uma finalidade construtiva e conseguir-se que os antigos escoteiros possam reviver as boas lições recebidas na camaradagem dos Grupos e nas actividades dos acampamentos parece-me que, para além do seu significado, tem muito de útil.

Disponha sempre do amigo

e Obg.do
M. PEIXOTO

Sempre foi minha ideia que era nesses antigos escoteiros que deveríamos procurar os elementos de trabalho para revigorar o esforço associativo — afirma-nos o Eng.º Nobre Santos.

De uma carta do Sr. Eng.º José M. Nobre Santos, escoteiro do 13, Vogal do Tribunal de Honra da A. E. P., transcrevemos:

Lisboa, 6-7-49

Caros Irmãos-escoteiros

É com os melhores olhos que vejo o vosso esforço para reunir todos os escoteiros, principalmente os que pela sua vida se viram forçados a abandonar o activo.

Sempre foi minha ideia que era nesses antigos escoteiros que deveríamos procurar os elementos de trabalho para revigorar o esforço associativo em prol da causa escotista, e por hoje, ao enviar-lhes preenchido o meu boletim, não queria deixar de lhes enviar estas palavras amigas e de aplauso e pôr os meus fracos préstimos ao serviço da sua realização, na medida das disponibilidades.

a) JOSÉ MARIA NOBRE SANTOS

Desejo feliz êxito para a organização da Fraternal — expressa-nos Rui Santos.

De uma carta do Sr. Rui de Lima Gomes dos Santos, que foi activo dirigente dos Serviços Centrais, destacamos:

Refiro-me, é claro, à vossa iniciativa de organização dos Antigos Escoteiros. Desejo, para ela, feliz êxito, e aproveito o ensejo para patentear a minha opinião a respeito do «Sempre Pronto». *Do pouco que sei da vida do Escotismo nestes últimos 10 anos, parece-me que o vosso jornal é o único sinal de vida que persiste com alguma finalidade.*

Como simples espectador, desejo que, desta vez, a Fraternal venha a ser um facto, e que de sua organização surja algum alento para as ideias escotistas.

Muito grato
RUI SANTOS

(Conclui na 4.ª página)

O Acampamento Regional do Algarve

«Vim maravilhado com o que vi no sul» — disse-nos Samuel Vieira, que tomou parte neste grande acampamento

Chegando ao nosso conhecimento que o escoteiro Samuel Vieira, guia da patrulha «Viriato» do grupo 53, esteve no Acampamento Regional do Algarve, desejámos que nos transmitisse as suas impressões sobre aquele acontecimento, tanto mais interessantes por partirem de um guia de patrulha sénior.

Procurámos este nosso irmão-escoteiro e não foi difícil encontrá-lo. Estendemos-lhe a mão esquerda, ao mesmo tempo que disparávamos a primeira pergunta:

—Samuel, quer dizer aos leitores do «S. P.» as suas impressões sobre o Acampamento Regional do Algarve?

Samuel Vieira pareceu surpreendido e, a custo, titubeou:

—Quê?! Uma entrevista?!

— claro, nem mais nem menos,— dissemos nós.

—Pois está bem,—concordou o guia do 53.—pode dizer no «S. P.» que vim maravilhado com o que vi no sul. E note que para esta impressão em nada contribuí a afabilidade com que sempre tenho sido recebido pelos nossos irmãos algarvios. Causou-me frémitos o desfile de tão grande efectivo numa região tão pequena como aquela. Que pena tive, nessa altura, de não ser algarvio!...

Interrompemos a explosão de alegria deste nosso amigo para lhe perguntarmos:

—E sobre os dirigentes escotistas do Algarve, qual a sua opinião?

A resposta não se fez esperar:

—A melhor possível. O brio e a conduta verdadeiramente escotista do chefe regional Sr. João Trigueiros e dos seus mais próximos colaboradores, os chefes Militão e Pina, são de tal forma notáveis que conseguiram interessar os governadores civil e militar da região, comandantes da Marinha, da G. N. R. e da P. S. P., dirigentes da M. P. e presidentes das Câmaras Municipais de Faro e Olhão. Graças a este último, além das muitas facilidades concedidas aos escoteiros, pôde haver iluminação eléctrica no acampamento. No fogo de conselho lá estavam aquelas entidades assim como numerosas figuras de destaque.

—Segundo o que nos disse no princípio' foi o desfile um dos acontecimentos que mais o impressionou?

—Exactamente,— disse logo Samuel Vieira.—Dava a impressão que em Faro se estava realizando um acampamento nacional. Mais de uma centena de escoteiros desfilaram pelas ruas de Faro, cuja população cheia de interesse e entusiasmo, saudava a Bandeira Nacional, que me foi dada a honra de transportar, ladeada pelas bandeiras dos quatro grupos da região. Concentrámo-nos então na Praça de D. Afonso III, onde nos foi grato ouvir uma lição de História Pátria, pelo ilustre professor Sr. Dr. Joaquim de Magalhães, acerca da tomada de Faro aos Mouros. Lá estavam, nesta praça, a aguardarem-nos as entidades oficiais e um castelo da M. P., que se encorporou na continuação do cortejo.

E numa explosão de alegria:

—Não calcula como é agradável verificarmos tão franca e leal camaradagem!

Era tal o entusiasmo que este nosso amigo imprimia às palavras que quase não tínhamos ocasião de formular as nossas perguntas. Porém, aproveitámos uma pequena pausa de Samuel Vieira para lhe perguntar as suas impressões sobre o acampamento.

—Espere um pouco, por favor, já chegaremos lá,—respondeu o nosso entrevistado sem hesitação. — Antes disso desejo manifestar a boa impressão que me deixaram uns números de ginástica executados pelos rapazes do 6. Prova-se assim que os dirigentes algarvios, a par da formação moral que dão aos seus pupilos, não descuram o tão necessário desenvolvimento físico. Sobre o «Fogo de Conselho»,—agora é que vou responder à sua pergunta de há pouco—sobre o «Fogo de Conselho», dizia eu, só posso ter estas palavras: aquilo sim, aquilo é que é um fogo sagrado! Que bem me souberam as canções entoadas por todos os rapazes, onde predominavam as setenta e tantas vozes de Olhão! Lá se cantaram canções escotistas e regionais, ouvidas com muito agrado por mais de 300 pessoas que, em cadeiras ou de pé, preferiram o «fogo» dos escoteiros ao conforto dos seus leitos...

—Realmente,—comentámos nós,— é preciso que o escotismo algarvio tenha um real valor, para, a uma hora daquelas, prender a atenção de tanta gente!

—Diz muito bem,— concordou o guia do 53.—Por aí pode avaliar da assistência que teve o desfile. Já está na forja, com toda a certeza, mais um punhado de escoteiros que em breve virá engrossar as fileiras algarvias.

Estávamos realmente impressionados pelas declarações deste irmão-escoteiro. Por isso, como a querer perscrutar mais intimamente essa magnífica jornada escotista, perguntámos ainda:

— E acerca dessa grande actividade, não tem mais nada a dizer-nos?

— Muito teríamos a dizer ainda, mas pode acrescentar—continuou este nosso amigo —que antes do fogo de conselho os rapazes do 6 presentearam-nos com uns bons números de danças regionais, onde se podia admirar a beleza do folclore algarvio.

—Com que então, satisfeito com a viagem, não?—perguntámos.

—A viagem de comboio é sempre maçadora, mas, em compensação, radiante com a bela actividade escotista a que tive o prazer de assistir e a que desejaria assistissem todos os escoteiros de Lisboa.

—Sim,—dissemos nós a terminar,—talvez fosse útil. E muito obrigado pela sua atenção e pelas suas boas palavras. Dou-lhe as minhas felicitações por ter tido a oportunidade de tomar esse «banho» de escotismo algarvio.

E íamos a despedir-nos, quando o nosso amigo nos fez um pedido:

—Já agora, se me faz favor, agradecia aos nossos camaradas do Algarve a forma amiga como mais uma vez me receberam. Mas olhe que apesar de ter sido recebido principescamente, este facto não influiu em nada nas minhas apreciações ao valor escotista desta grande actividade dos nossos irmãos do Algarve.

Despedimo-nos convictos de que muito benefício poderá trazer esta entrevista aos nossos irmãos-escoteiros de Lisboa. O modelo é bom, basta que aqui o queiram aproveitar.

J. R.

A FRATERNAL DOS ANTIGOS ESCOTEIROS

UMA IDEIA? NÃO, UM FACTO!...

(Conclusão da 3.ª página)

Foi no Grupo n.º 1 que começou o meu tirocínio de pioneiro em muitas terras de Moçambique, onde sou missionário evangélico—declara Nascimento Freire.

O eco da Fraternal já chegou à África Oriental Portuguesa! É da Beira que nos chega esta sugestiva mensagem:

Beira, 4-7-49

Ao caro Director e Editor do «Sempre Pronto»

Tenho recebido o vosso jornalzinho que veio despertar memórias antigas: do tempo em que, com Ernesto de Sousa, fui escoteiro ou, como dizíamos naquele tempo, «boy-scout» do 1.º grupo de Portugal. Sim, estive ali com alguns que ainda sobrevivem, e sem dúvida, o 1.º grupo impôs-se, no tempo em que iniciativas desta ordem eram bem difíceis!—Estava ali, quando os «boy-scouts» de Hastings nos visitaram! Quantos anos já passados e quantos sucumbiram! Lembro-me dos bons passeios que demos e, sem dúvida foi ali que começou o meu tirocínio de pioneiro em muitas terras de Moçambique, onde sou missionário evangélico. Lembro-me do saudoso Rodolfo Horner e do seu trabalho abençoado. Aqui, embora possuindo uma camioneta para serviço entre os africanos, ainda o meu maior prazer é «andar a pé»... Pelas plagas africanas, adentro de imensas florestas repletas de leões e outros animais... tenho andado, e, ainda aos 51 anos, numa semana andei 40 horas! Devo um tanto destas minhas possibilidades ao 1.º grupo de Escoteiros. Sim, os componentes do 1.º grupo eram, naquele tempo, (como disse Ernesto de Sousa) recrutados, quase que em geral, entre as Igrejas Evangélicas então existentes — mas muitos outros ingressaram neste bom grupo sem isto lhes ser exigido. Daqui da África Oriental, e onde me conservo há já 18 anos, saúdo os meus antigos companheiros, alguns que atingiram belas posições, outros que caminham mais modestamente devido a dificuldades na vida. E se Deus quiser que em 1950 regresse à Metrópole, em férias, terei muito prazer em abraçar alguns de vós.

Abraços, Vosso

NASCIMENTO DE J. FREIRE

(Missionário na África Oriental Portuguesa)

A todos agradecemos as palavras amigas que nos endereçam e constituem estímulo agradável para o nosso trabalho. Ao Sr. Nascimento Freire retribuímos em nosso nome, e em nome dos Antigos Escoteiros, as afectuosas saudações enviadas e ansiamos a oportunidade de lhe dar um abraço amigo.

* * *

Desejaríamos continuar a transcrever as mensagens de aplauso recebidas, mas são tantas! Quase todos os boletins vêm acompanhados de algumas palavras de adesão ou aplauso e, até agora foram recebidos dos Srs. Luís Simões Aurélio, Eng.º Manuel Lopes Peixoto, Joaquim da Conceição Dias, José de Jesus Viegas, José Vasques Filipe, César Augusto Ferreira, Eng.º José Maria Nobre Santos, Alberto Teixeira Brás, José Augusto Trancoso, Jobert Fernando da Costa Raposo, Ernesto Bernardino Rola, José Maria Soares Fabião, Rui de Lima Gomes dos Santos, Edmundo Pedro dos Santos Costa, José Ferreira Amaro, José da Costa Ferreira Cardoso, Vítor Manuel de Oliveira Nascimento e José Maximiano da Silva.

Esperamos mais adesões. É necessário que todos que aplaudem a iniciativa nos mandem os seus boletins.

✱ ✱ SECÇÃO TÉCNICA ✱ ✱

Insígnias de capacidade

PRÁTICO FLORESTAL

3.º Saber os perigos a que, tanto as árvores como as madeiras estão expostas, por exemplo: fogo, neve, insectos, doenças e animais. Discutir os meios de combater estes perigos.

Irmão Escoteiro: Já que temos uma ideia geral da constituição dos insectos, vamos continuar a falar da terceira prova, tratar das causas produzidas pelo primeiro grupo,

Os danos produzidos nas árvores pelo ataque dos insectos são múltiplos e variadíssimos. Há os que vivem no subsolo e atacam as raízes; outros que vivem no interior das árvores (raízes, talos, troncos, e folhas); são chamados minadores, que destroem os tecidos vegetais; outros nos frutos como seja a *mosca* dos frutos, a da oliveira, vermes da maçã, etc.; os restantes vivem no exterior e realizam os danos sobre os órgãos aéreos da árvore, atacando talos, folhas e frutos como sejam: lagartas, pulgões, cochinilhas da laranjeira e da oliveira e gorgulhos. Algumas espécies destes últimos, colocam as suas posturas no interior das flores em cujo cálice depositam um ovo, e a larva que dele provém devora o fruto. Verifica-se muito tarde a sua presença pela queda de muitas flores; como exemplo citamos a *autónoma* das macieiras.

Aproveitarei a oportunidade para te dizer de passagem que as abelhas, entre os muitos benefícios que prestam à humanidade, são inconscientemente, grandes inimigas desta variedade de insectos, pois, favorecem a fecundação das flores porque ao depositar o pólen no peristilo, estas fecham-se e a *autónoma* não pode depositar o ovo e tem que ir à procura de novo campo para as suas actividades.

Compreenderás fàcilmente pelo que fica dito, os enormes estragos que os insectos provocam e também a grande variedade de sintomas que podem apresentar-se nas árvores atacadas por estes minúsculos inimigos; dentro desta grande variedade e atendendo-se à forma como produzem os danos, podemos dividi-los em dois grupos vastíssimos: trituradores e sugadores.

Os primeiros são os que têm mandíbulas dispostas para roer as distintas partes do vegetal: frutos, talos, folhas, madeiras, etc. A quase totalidade das larvas, exceptuando os *Hemípteros*, alimentam-se deste modo, assim como Coleópteros e Ortópteros adultos: escaravelhos, gafanhotos, saltamontes.

Os segundos, em vez de triturar, visto o aparelho bucal os impedir disso, alimentam-se absorvendo o suco da planta na qual cravam o bico ou sugador. Como exemplo típico destes insectos temos todos os *hemípteros*, (cochinilhas, pulgões, percevejos, etc.).

Além dos insectos, temos dentro do reino animal outros inimigos mortais da árvore, os roedores, dos quais podes apreciar mais fàcilmente a sua presença por serem de maior tamanho e mais geralmente conhecidos: moscardinos, esquilos, ratas, ratos, coelhos, lebres, etc.

Para que te possa dar uma ideia do dano que podem causar estes animais, consignar-te ei algum dado. Em Vitória (Austrália) e num prazo de seis anos foi tal a praga de coelhos, que deixaram em absoluto inabitáveis e inúteis para qualquer cultura doze milhões de ares de terreno, segundo informe do Cônsul Geral dos EE. UU. na dita província. Na Península Ibérica destruiram as plantações em grande escala de amendoeiras, levadas a cabo na serra Almagrera e montes de Toledo.

O carácter do insecto, triturador ou sugador e dos animais roedores, unido ao conhecimento perfeito da sua biologia, serve para aplicar em cada caso os meios de luta ou procedimentos mais adequados para combater a praga com garantia de êxito.

Os produtos empregados para destruir os insectos recebem o nome de *insecticidas*, chamando-se cevos os empregados para os roedores.

Têm que satisfazer a três condições essenciais: primeira, exercer acção activa; segunda, não serem nocivos para a planta tratada; terceira, serem de emprego prático e económico.

Para combater os trituradores empregam-se substâncias venenosas, que, ao serem ingeridas, produzem a morte do insecto. Chamam-se de *acção interna*, já que o efeito se produz no aparelho digestivo do animal.

Para os sugadores, empregam-se *insecticidas de contacto*, que exercem a sua acção corrosiva sobre o corpo ou sobre o sistema respiratório, produzindo a morte do insecto por asfixia ou envenenamento.

Os cevos são bolas de diferentes tamanhos, confeccionadas com materiais que os roedores procuram com predilecção, que no interior contêm venenos de acção rápida, geralmente corrosivos.

Na nossa próxima palestra falaremos do segundo grupo, ou seja de enfermidades produzidas por outros vegetais, deixando para mais tarde a explicação de fórmulas para os diferentes casos.

RAFAEL PALACIAL
PICO DE AGUILA

Tradução do Espanhol de Lídia de Medeiros.

□ □

Aves

A CEGONHA

O grande naturalista Brehm afirmou: «*As aves são indispensáveis na terra, mantêm o equilíbrio na série dos seres, impedem sobretudo os insectos, estes inimigos tão pequenos e tão temíveis, de tomar a preponderância: um casal de pássaros pode-nos prestar mais serviços que toda uma Ordem de Mamíferos. A sua utilidade não se pode estimar tão grande ela é*». Michelet foi mais longe e disse: «*Sem a Ave o homem não poderia subsistir na Terra*». Opiniões tão autorizadas não dão lugar a qualquer dúvida acerca do inestimável valor das aves, que prestam serviços valiosos, destruindo insectos, e até répteis, perniciosos à agricultura e ao próprio homem.

A utilidade das Aves varia segundo as espécies, mas podemos eleger a Cegonha como uma ave das mais úteis. Pertence à classe das *Pernaltas* (de bico, pescoço e patas geralmente compridos), segundo uma classificação mais de harmonia com a constituição do esterno e musculatura da ave, pertence ao Grupo das *Carinates*, caracterizadas pelo esterno bem desenvolvido, asas normalmente constituídas, ainda que por vezes impróprias para o voo. Este grupo subdivide-se em 21 ordens, pertencendo as cegonhas à 18.ª, à família das *Ardéiformes* ou *Ciconídeas*.

As cegonhas têm o corpo robusto, um bico longo, muito forte, direito, cónico, de extremidades cortantes, cobertas de um revestimento córneo no qual se abrem narinas estreitas e ovais; uma plumagem abundante e branca, mais ou menos pura, excepto nas extremidades das asas, que são pretas. O bico e os pés são vermelhos. As pernas são longas. O seu tamanho regula por 1,15 m. a 1,20 m. A fêmea é semelhante ao macho, um pouco mais pequena. Em redor dos olhos e no pescoço são desnudadas, segundo as espécies.

Preferem as planícies húmidas, com árvores, onde se empoleiram para passar a noite. Estão espalhadas por todo o velho continente e no inverno no Norte de África. Em Portugal encontram-se em volta dos cursos de água, especialmente nos arrozais.

Anda bem, voa com vigor, corre mal. Em repouso toma uma atitude elegante.

O canto da cegonha é bem característico: bate as mandíbulas e fá-las soar como castanholas. As cegonhas alimentam-se principalmente de rãs, serpentes, lesmas e outros insectos, pássaros, ratos e outros pequenos roedores. A grande quantidade de animais prejudiciais à agricultura que destroem, tornam-nas muito úteis e protegidas pelos agricultores. Acontece ainda que, não sendo perseguidas, as cegonhas tornam-se familiares.

O seu ninho é muito curioso. Escolhe geralmente os campanários das igrejas e as chaminés para aí os construir, formando-os com ramos de árvores entrelaçados, forrados de ervas, papéis, terra e estrume. Os camponeses de algumas terras acolhem alegremente os ninhos das cegonhas porque os têm como um sinal de felicidade para a casa onde foi construído. Por isso costumam colocar no local preferido uma roda de viatura deitada, de que as cegonhas se servem para colocar o ninho.

A cegonha é uma ave de arribação. Diz-se que quando da sua migração se reúnem em grandes bandos para efectuarem ensaios de voo e matam aquelas que não têm resistência para realizar a viagem. Partem no fim de Julho para invernar em África e voltam cada ano ao mesmo local e, muitas vezes, ao mesmo ninho. Fazem a viagem de noite.

Aparentadas com a Cegonha branca europeia existem a *Cegonha branca do Extremo-Oriente*, de bico negro, e a *Cegonha Maguari* da América do Sul, maior e de bico cinzento.

Outra espécie europeia é a *Cegonha Negra*, mais rara e mais selvagem, habitando nas florestas húmidas do Este da Europa.

A *Cegonha de Abdimi* é uma espécie africana, tem plumagem preta-púrpura, o ventre branco, e uma parte do pescoço denudada e vermelha.

A *Cegonha gigante* é uma espécie de maiores dimensões. Tem uma cabeça muito grande, o pescoço fino e comprido, um bico mais alongado, ligeiramente recurvado para cima na ponta. Habita na África, na América e no sul da Ásia e Austrália, tendo algumas variantes, segundo as três regiões que habita.

Além destas espécies há ainda algumas outras que se vão afastando do verdadeiro tipo de cegonha, mas todas elas muito úteis pelos animais nocivos que destroem.

* * *

A Cegonha é um animal interessante para totem de Patrulha. O seu carácter é recomendável: Meiga, útil, sociável, vigorosa, trabalhadora e alegre. As cores de patrulha são o branco e o vermelho.

OBSERVADOR

Escotismo e Militarismo

II

Não é preciso ser um lince nem recorrer a subtilezas para interpretar o espírito de B. P., porque ele, com palavras que estão ao alcance da mente dos rapazes, explicou cada ponto do seu sistema com clareza deslumbrante.

No livro fundamental «Escotismo para Rapazes», diz concretamente: «Quase todos nós somos opostos ao militarismo, ao governo por autoridades militares, *tendo em vista fins militares;* porém entre nós há poucos que—sobretudo à luz da guerra — sejam antimilitaristas; isto é opostos a que os homens do exército exerçam o seu poder em defesa do país».

O parágrafo transcrito esclarece o que entende B. P. por militarismo, apontando ao mesmo tempo qual é o seu perigo (frase sublinhada). Como homem de coração, B. P. ama a paz. Porém se é certo que aquele que ama a paz é inimigo da guerra, não é menos certo que ante uma agressão à Pátria, o pacifista, precisamente pelo seu ódio à guerra, é o primeiro que, com as armas na mão, forma entre os defensores. Porque em Escotismo consideramos pacifista, não o que condena sistemàticamente a luta armada, seja qual for o motivo dela, mas antes aquele que repudia a guerra de conquista, a agressão premeditada a outros povos mais débeis, banditagem oficial que não deve ter guarida nos nossos tempos, porém que ante a sua Pátria, a sua Família, o seu lar e as suas liberdades em perigo pelos apetites de outra nação, considera a luta como acto de defesa legítimo, e marcha a cumprir o seu dever cívico.

B. P. é explícito quanto a isto no seu já citado livro: «Não pretendemos fazer soldados dos nossos rapazes nem alimentar neles a sede de sangue. Sem dúvida, falando-lhes de patriotismo, ensina-se-lhes que um cidadão deve estar pronto a tomar parte na defesa do seu país contra agressões possíveis. É este um dever que a segurança e a liberdade da sua Pátria lhe impõem. O que deserta desta obrigação, deixando o seu cumprimento aos outros, desempenha um papel que não tem nada de valoroso e nobre».

* * *

Parece que o *não-militarismo* escotista difícilmente se compagina com as necessidades militares que a guerra moderna impõe às nações, cujos altos organismos dão grande importância à instrução pré-militar. Eu não creio assim, e procurarei explicar o porquê.

Há dois tipos ou normas de instrução pré-militar, com programas particulares que variam segundo o país de que se trata; o primeiro atende à formação bélico-patriótica dos rapazes, a quem além disso se adestra em exercícios militares de ordem cerrada, e tende a assentar as bases de um futuro soldado. O outro, já de ordem superior, alterna-se com os estudos universitários, à base de um programa de formação patriótica e ensino de conhecimentos teórico-práticos de técnica militar, e pretende formar futuros quadros de comando complementares do exército activo.

A educação escotista supera em muito o primeiro tipo pré-militar, ainda que vista pelo prisma castrense. A instrução à base de exercícios de formatura tem como fim — independente de ensinar a desfilar — disciplinar o soldado, acostumá-lo a mover-se à voz do comando, e anular as reacções da sua individualidade. O Escotismo procura estes fins por caminho distinto. Nós educamos patriòticamente os rapazes, tão bem ou melhor que qualquer outro tipo de associação, cuidamos da sua preparação física, inculcamos-lhes hábitos de honra, dever e sacrifício pelos outros, desenvolvemos a sua habilidade manual e iniciativa pessoal, tudo de uma maneira consciente, alegre e efectiva. Fazemos dos rapazes bons cidadãos no mais amplo sentido da palavra, úteis a si próprios e à sociedade; nunca seres mecânicos sem alma.

Evidentemente existe uma contradição no facto de que a instrução militar pretende anular as reacções individuais do soldado, e que o Escotismo pretende desenvolver a iniciativa pessoal do rapaz. O ideal do exército seria estimular, entre as suas massas disciplinadas, a iniciativa pessoal em alto grau, porém, vê-se na impossibilidade de adoptar este plano, porque requer que se trate do indivíduo em singular, e não em massa, o que exige um tempo e um número de instrutores fora do seu alcance. Daí optam pelo automatismo, salvo naquelas unidades que, por sua missão especial, necessitam de um pessoal escolhido (paraquedistas, «comandos», etc.). A contradição, pois, é um tanto a favor do nosso sistema.

Nenhum Chefe militar, por exigente que seja, pode aspirar mais do que, ao receber os recrutas, estes sejam homens sãos e possuam uma formação cívica sólida e completa. Com tal matéria prima é fácil formar

(Conclui na 7.ª página)

Escotismo e Militarismo

(Conclusão da 6.ª página)

bons e eficientes soldados, porque um bom cidadão, será sempre um bom soldado, quando a Pátria dele precise.

O valor da educação escotista para o exército tem sido reconhecido oficialmente em alguns países; no meu, por exemplo, todo o escoteiro com mais de três anos de vida activa, ao incorporar-se nas fileiras para cumprir o seu serviço militar, era beneficiado com uma redução do tempo que tinha de permanecer no exército. Pela mesma razão, a maior parte dos nossos manuais tinham sido declarados «de utilidade para o exército».

E, quanto à instrução pré-militar de ordem superior combinada com os estudos universitários, a nossa educação escotista só pode facilitar o seu labor. Jamais será um obstáculo o facto do estudante ser ao mesmo tempo um bom Escoteiro, e não há necessidade alguma de que os Seniores se vejam obrigados a passar o tempo nos seus Clãs fazendo exercícios militares.

Carecendo de instrução nìtidamente militar, sem sequer saber formar correctamente, porém dotados de um magnífico espírito escotista, os Escoteiros, individual e colectivamente, têm provado até ao máximo a sua excelente preparação para servir a sua Pátria sempre que tem sido preciso. Os Escoteiros ingleses mereceram a gratidão da Pátria pela sua actuação durante a «batalha de Inglaterra» em múltiplas e perigosas missões.

Uma prova da eficiência escotista dentro do exército poderia encontrar-se à vista de uma estatística do enquadramento de Escoteiros nas forças armadas de qualquer país na última guerra, pois tal estatística nos ilustraria muito sobre o que podem fazer os rapazes educados no não-militarismo escotista, quando são chamados a actuar pela sua Pátria.

Não sei se uma estatística desta natureza se fez, nem creio que alguma vez se faça. Para dar uma ideia do que nela poderíamos ver, posso citar o caso de um pequeno Grupo que ao romperem as hostilidades contava 26 rapazes mobilizáveis, nenhum dos quais pertencia ao Exército, um Grupo no qual ninguém sabia tocar a corneta e ninguém sabia desfilar correctamente, porém onde se viam muitos distintivos de especialidade sobre os uniformes, e se fazia muita vida prática escotista. Deste pequeno Grupo, saíram um Chefe de Estado Maior, três oficiais de infantaria, um piloto aviador, dois sargentos de infantaria e outros dois de saúde, um instrutor militar de ginástica, um cabo-enfermeiro de infantaria de marinha, dois cabos de serviço de saúde, um cabo de guerra química e cinco soldados especialistas de diversas armas. As cifras prestam-se à meditação dos partidários do militarismo a todo o custo. Porque todos esses rapazes que foram educados no *não-militarismo* escotista, constituíram uma percentagem de utilidade militar dificilmente superável.

Nunca o Escotismo será um estorvo para a defesa do país, mas antes pelo contrário. E esta convicção devem tê-la no coração todos os Chefes e Seniores que se ponham à frente de um Grupo.

Possuamos, pois, bons Escoteiros e não soldaditos de opereta. Isso não é Escotismo e há que repeli-lo. É necessário pleitear com muitas coisas, lutar contra o costume, com os interesses criados; pois adiante até conseguir um bom Escotismo, um Escotismo de B. P. em todo o mundo.

Madrid, Maio de 1949.

ENRIQUE GENOVÉS
OJO DE LINCE

II Festival do Cinema Europeu

Continuam, activamente, os trabalhos deste curioso empreendimento, que se inaugurou nos salões do Ateneu Comercial de Lisboa pelas 17 horas do dia 30 de Julho findo, e é constituído por uma curiosa exposição de material cinematográfico, por uma série de exibições dos melhores filmes dos vários países da Europa — alguns desses filmes em ante-estreia — e por um ciclo de palestras sobre assuntos de cinema.

Os palestrantes são os Srs. Raul Faria da Fonseca, Roberto Nobre, Augusto Fraga, Dr. Domingos de Mascarenhas, Fernando Garcia, Edmundo Ferreira de Almeira, Armando Aragão e Dr. Francisco Mata.

A iniciativa que se deve à Secção de Cultura Cinematográfica do Ateneu, era aguardada com o maior interesse e cuidadosamente preparada pelos seus organizadores, de forma a corresponder aos fins que objectiva e à espectativa dos que, já no ano passado, puderam apreciar idêntica organização do Ateneu.

COBRANÇA DE ASSINATURAS

Em virtude da grande aglomeração de trabalho, só há pouco, depois de reorganizados os nossos SERVIÇOS DE ASSINANTES, foi possível efectuar a cobrança das assinaturas vencidas do «*Sempre Pronto*», cobrança que foi feita com algum atraso, do que pedimos muita desculpa a todos os nossos estimados leitores.

Brevemente procederemos à cobrança do novo período de assinatura, e pedimos a todos os nossos assinantes o favor de não estranharem o curto prazo entre a cobrança das duas assinaturas, agradecendo que verifiquem os números cobrados.

Diligenciamos actualizar os nossos Serviços e ficaremos muito reconhecidos pela colaboração que neste sentido nos for dada.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

ENTRONCAMENTO

O Aniversário do Grupo n.º 84

Conforme já noticiámos comemorou-se no passado dia 26 de Junho p. p., o 20.º aniversário do Grupo 84. Tomaram parte nas comemorações, em representação dos seus grupos, os Chefes Álvaro Rodrigues, do 2; João G. Cabral, do 9; Serras Pereira, do 85; e os Escoteiros Adriano Gomes Alves, do 79; e Artur Manso e Guido Manso, também do 85. A A. E. P. fez-se representar pelo Chefe Regional do Centro, Sr. António de Mira Calhau.

Entre as cerimónias efectuadas nesse dia destaca-se, pelo seu significado, a justa homenagem prestada no cemitério local aos escoteiros falecidos em serviço profissional no cumprimento do seu dever, Manuel Cipriano, António Ernesto David, Alberto Fernandes e Belial Rolim Trinta. Junto das campas falaram o Chefe João Amorim, o Escoteiro João Godinho, Delegado do «*Sempre Pronto*» e o Antigo Escoteiro Manuel Gomes Medinas, que enalteceram as qualidades de carácter dos falecidos, destacando Manuel Cipriano — um dos melhores Escoteiros do 84 — que morreu no seu posto de maquinista da C. P., procurando até ao último momento evitar um trágico desastre dum choque de comboios.

ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO

Ao princípio da tarde, na vasta sala de jantar do Refeitório dos Indigentes, efectuou-se o anunciado almoço de confraternização. Presidiu o Sr. José Duarte Coelho, Presidente da Câmara Municipal e do Grupo 84, e estavam presentes, além das entidades já citadas, representantes da Imprensa, muitos antigos e actuais escoteiros, num total de 75 pessoas. Aos brindes usaram da palavra: o Chefe João Amorim, que manifestou o seu agradecimento pela presença de tantos camaradas e amigos; os antigos escoteiros Manuel Gomes Medinas e João Calado; o escoteiro do activo Armando Godinho. Pela Imprensa falou o representante do «*Entroncamento*».

O almoço que decorreu num ambiente de grande amizade, foi encerrado pelo Sr. Duarte Coelho, que se afirmou escoteiro do 84, e disse da sua muita estima pelo Grupo do Entroncamento, com quem contava sempre para a representação do Concelho.

Realizou-se depois um desfile até ao Jardim-Parque onde a Banda do Grupo deu um concerto, escutado com muito aprazimento por um público numeroso.

À noite efectuou-se a sessão solene a que nos referimos no último número.

• • o • •

Federação Portuguesa de Campismo

Em Assembleia Geral efectuada em 7 de Maio último, foram eleitos para os lugares vagos nos Corpos Gerentes da F. P. C. os seguintes Srs.:

Presidente da Direcção: Guilherme Casimiro Ribeiro, da Secção de Campismo e Ciclo-Turismo do Ateneu Comercial de Lisboa;

Vice-Presidente: Augusto Coutinho, do Grupo «Estrela»;

2.º Secretário da Mesa da Assembleia Geral: Luís Ribeiro da Fonseca, do Núcleo Campista «Os Caracóis»; que foram aprovados por despacho do Ministro da Educação, publicado no «*Diário do Governo*» de 6 de Junho.

O "SEMPRE PRONTO,,
Vende-se em Lisboa na
TABACARIA DO CAFÉ SUÍÇO
Rua do 1.º de Dezembro
(Frente à Estação do Rossio)

Um inquérito aos Grupos de Escoteiros da Capital

O Cinco vai ter o maior efectivo da Região!

No prosseguimento das visitas aos grupos da capital o «*Sempre Pronto*» foi de abalada à Calçada dos Barbadinhos, ao velho grupo 5, de grandes tradições no Escotismo de Lisboa. Quase num extremo da cidade, este grupo está instalado num dos bairros mais populosos de Lisboa, onde tem um amplo campo de acção.

A excelente sede do 5 oferece um aspecto de trabalho que merece realce: os escoteiros preparam activamente a próxima exposição de fotografias escotistas. Por cima das mesas e bancadas estendem se os cartazes e dísticos que ali figurarão.

Depois de apresentados os cumprimentos aos chefes e escoteiros, o guia de secção e nosso prezado amigo e colaborador Félix Bragança leva-nos de visita ao pequeno laboratório fotográfico que está montado na sede do 5, onde assistimos aos trabalhos de ampliação de uma fotografia.

A seguir fomos recebidos na secretaria pelos dirigentes do grupo, o nosso amigo Mário Fernandes, chefe do grupo, José Lourenço, secretário e Félix Bragança, guia de secção. Foi ali que começámos o nosso inquérito, perguntando:

—Qual é presentemente o efectivo do grupo?

—Temos agora 32 rapazes,—elucidou Mário Fernandes,—sendo 20 seniores, 10 juniores e 2 dirigentes. Além disso, temos ainda 2 aspirantes já com fardamento, como é norma neste grupo.

Tomámos nota desta interessante informação e prosseguimos:

—Diga-nos Mário Fernandes, quantas patrulhas tem?

—Temos três patrulhas seniores e uma júnior, respectivamente a «Vasco da Gama», a «S. Jorge» e a «Serpa Pinto», e a «Galo».

Sabendo que o grupo 5 é dos mais activos de Lisboa, foi com curiosidade que perguntámos quais eram as actividades planeadas. Mário Fernandes elucidou-nos com clareza:

—Temos tantas! A primeira é a exposição de fotografias, cujos trabalhos preparatórios já puderam admirar. Está planeado am acampamento de férias na Arrábida para onde partiremos no dia 6 de Agosto. Estamos a organizar um torneio de basquetebol entre os grupos da região, cujos treinos devem principiar com brevidade.

—E sobre acampamentos que nos diz?

Fizemos já três acampamentos, dois no Alfeite e um em Odivelas e no próximo sábado teremos outro na Paiã.

—E são muito concorridos?—inquirimos interessados.

—Bastante concorridos,—tornou o chefe do 5,—em média 18 a 20 rapazes. No último até tivemos 24 presenças.

Satisfeitos com a prontidão das respostas, continuámos no interrogatório, perguntando quais eram os planos para o futuro. Em vez de Mário Fernandes, foi o secretário do grupo, José Lourenço, quem nos esclareceu:

—Temos em projecto uma oficina de trabalhos manuais e ainda a câmara escura que, como viram, está quase concluída. Ali será dada instrução sobre a técnica de laboratório fotográfico a todos os escoteiros que o desejarem...

Mas Félix Bragança, o grande impulsionador deste empreendimento, continuou a exposição do seu camarada, dizendo:

—Esta instrução poderá ser alargada aos escoteiros de outros grupos que, se o quiserem, poderão enviar-nos um escoteiro que instruiremos devidamente.

É este espírito de actividade e colaboração com os restantes grupos de Lisboa que guia a actividade do Cinco, o que é bastante de admirar e enaltecer. Estamos certos que algumas destas realizações do 5 vão agitar o meio escotista lisbonense.

Passámos depois a outro aspecto da nossa entrevista e perguntamos:

—E as relações com o Grupo Desportivo dos Tabacos são boas.

—São óptimas,— afirmou peremptòriamente o chefe.—Alguns dos dirigentes do «Tabacos» são antigos escoteiros do nosso grupo, mas todos eles nos têm dedicado o maior carinho e amparo. Têm colocado todas as instalações desportivas do clube, tais como o campo, o ginásio e a piscina, não só à nossa disposição mas à de todos os grupos de Lisboa. É uma gentileza digna de enaltecer e pela qual lhes estamos muito penhorados.

—E a situação financeira do 5 é boa?

— Absolutamente satisfatória. Temos poucos sócios auxiliares, mas com a cotização dos escoteiros e o produto das festas que regularmente efectuamos, conseguimos os meios necessários à vida do grupo.

Anotámos esta curiosa situação do grupo e continuámos:

—E têm esperança em desevolver a secção júnior?

—Temos toda a esperança nisso,—afirmou sem hesitação Mário Fernandes.—Os juniores têm demonstrado muito interesse pelos trabalhos do grupo. Quando o grupo comemorar o 28.º aniversário, isto é, em 6 de Setembro próximo, esperamos ter a secção completa.

E com satisfação:

—Nessa altura, o 5 deverá ser o grupo de maior efectivo da região!

Demos os parabéns ao chefe pelo seu trabalho e convidámo-lo a dirigir uma saudação a todos os grupos de Portugal. Mário Fernandes, com a sua habital prontidão, não se fez esperar:

—Envio saudações a todos os nossos irmãos-escoteiros de Portugal e desejo a todos os grupos tantas prosperidades quantas desejo para o meu.

Agradecemos a estes nossos amigos a atenção que nos dedicaram e fomos interrogar dois guias de patrulha.

O primeiro foi o guia da «Vasco da Gama» Jorge Paiva, que acaba de ser nomeado, para aquele cargo. Estava radiante com a sua nova missão. Perguntámos-lhe:

—Estás satisfeto com o teu novo cargo?

—Muito satisfeito! — respondeu com prestreza.

—Tans algumas iniciativas em projecto?

—Tenho uma: a de fazer da «Vasco da Gama» uma grande patrulha!

—Então para isso o que pensas fazer?

—Para já colaborar nos trabalhos da sede, ajudar na exposição de fotografias e treinar todos os meus rapazes no morse.

Seguidamente fomos falar ao Rui Cardoso Gonçalves que, também nesse dia, tinha sido nomeado guia da «Galo».

—Já vemos que estás muito satisfeito,—dissemos-lhe. — Diz-nos então: quanto a iniciativas, o que há?

—Vamos fazer um armário e uma mesa de pingue-pongue. Temos também em projecto várias outras iniciativas.

—Quantos rapazes tens?

—Tenho 10 rapazes. Estou muito satisfeito com todos eles.

Silviano da Fonseca e Sousa, outro escoteiro do 5, prometeu-nos que ia ajudar muito o seu guia.

Era já bastante tarde. Satisfeitos com a visita ao progressivo grupo da capital, agradecemos todas a atenções recebidas e retirámo-nos. Na sede, os escoteiros do 5 terminavam os seus trabalhos e dirigiam-se para suas casas...

Mais 200 assinaturas

Não foi debalde que apelámos para os nossos amigos para nos ajudarem a restabelecer o equilíbrio financeiro do nosso jornal. Vimos hoje dar conta dos resultados conseguidos e, em face deles, estamos certos que outros leitores do «*Sempre Pronto*» acorrerão a mandar-nos as assinaturas que faltam para atingir o nosso objectivo, ou sejam as 200 assinaturas, número necessário para cobrir o *déficit* previsto para este ano.

Deram entrada na Administração deste jornal as seguintes novas assinaturas: Srs. Leonel de Sousa Gomes, Vasco de Jesus, António dos Santos, Aníbal Canhão, Aurélio Soares, Jorge Soares Belo, Celso dos Santos, Alberto Fialho, Edmundo Pinha, Daniel dos Santos Ribeiro, Américo da Ascenção de Jesus, Armando Ferreira, José Ventura Tosco, António dos Santos Morais, Ricardo P. Dinis Mendes, Armando Gonçalves, José da C. Teixeira, Alexandrino Rebelo Rosado, Dionélio Nicolau, Carlos Alberto dos S. Nicolau, Fernando Biancard Raposo, Fernando Pereira, António Matoso, Francisco Perdigão, Álvaro Pavão Craveiro, Francisco dos Santos, Margelino Duarte, Óscar Dias Ferreira, José Liberto Nunes, Rogério Martins de Melo, Fernando A. Tavares, José Pereira Pascoal, António Rodrigues, Joaquim Matias e Carlos Nogueira, todos propostos pelo nosso colega de trabalho deste jornal, Sr. Faustino Leitão. O esforço deste nosso amigo e o êxito alcançado, provam que, havendo vontade, é possível aumentar em muito a expansão do «*Sempre Pronto*». Esperamos que entre muitos amigos do nosso jornal se levantarão outros elementos prontos a fazer um esforço a favor desta campanha.

Entraram mais as assinaturas dos Srs. Dr. Henrique Francisco dos Santos, Vítor Manuel Lima Santos; António Luís Freire de Almeida, proposto pelo Sr. Francisco José; Júlio Lobo Pimentel, José de Jesus Viegas, Leonard Barnes, José Abel de Mendonça, Rui da Silva Paulo, Francisco Leotte, Eduardo de Faria, António Carlos de Jesus, José Joaquim Duarte Costa, Heitor Borges da Silva, Carlos Jacob, António Gonçalves, António Ferreira da Silva, Fernando Vilar Castel Branco, Ramiro da Encarnação Lopes, Viriato Remígio Mata, Jorge Maese Ritto, Fernando de Sousa Lago, Otelo Henrique de Sousa, Joaquim Lino do Nascimento, Manuel Pereira da Costa Júnior, Carlos de Oliveira Torrão, António Augusto Viana Bastos, Gustavo Pereira da Costa, António e Adelino da Silva Veiga, propostos pelo Sr. Manuel Serrano; Durval Rios Martins, Hermes Franco de Sousa, propostos pelo Sr. Deusdado Moniz Vieira; e José Augusto Trancoso, proposto pelo Sr. Samuel Vieira.

E ainda os Srs. Luís Amorim da Costa, Nascimento de Jesus Freire, Hermenegildo Augusto Leal e Jobert Fernando da Costa Raposo, propostos por Ernesto C. Nascimento; Eng.º António Correia de Oliveira Bernardo, Horácio Toscano Delgado, Romerito Rodrigues Pampolim e José Maximiano da Silva. Total: 76 novas assinaturas.

O nosso estimado amigo Sr. Albano da Silva escreveu-nos comunicando que a sua assinatura passava a ser de 30$00 anuais e que uma outra a seu cargo passava a 20$00 anuais.

A todos estes nossos amigos dedicados, aos novos assinantes, seus proponentes, àqueles que se limitaram a indicar-nos nomes e respectivas moradas, todos os que trabalham no «*Sempre Pronto*» apresentam o seu melhor agradecimento.

Aguardamos novos assinantes. Quem nos ajuda?

Muitos dos maus são ricos, ao passo que os pobres são bons, mas não faremos a troca de vossa virtude pela sua riqueza, pois é a virtude bem constante, enquanto que a riqueza, nos homens, possui-a ora um ora outro.

SOLON